



OPRESSÃO, PODER E LIBERTAÇÃO EM *SÃO BERNARDO*, DE GRACILIANO RAMOS

**Carolina Izabela Dutra
Miranda***

* carolizabela@hotmail.com
Mestra em Literatura Brasileira no Programa de Pós-
Graduação em Estudos Literários. (Faculdade de Letras da
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG), Bolsista de
produção da CAPES. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

RESUMO: A obra *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, se relaciona à temática social e à política, por meio da visão capitalista e dominadora de Paulo Honório, um homem de cinquenta anos, que após a morte da esposa e a derrocada de sua propriedade, decide escrever a sua história. O narrador conta sobre a infância e juventude vividas sob exploração e pobreza. Ele também relembra episódios da vida adulta em que fora enganado. Mais tarde, utilizando os instrumentos de opressão, violência e poder de que anteriormente fora vítima, o protagonista conquista o capital e a fazenda São Bernardo. O objetivo deste trabalho é mostrar os artifícios ficcionais utilizados nesta obra para tratar da temática da espoliação e reificação do sistema capitalista, integrando forma e conteúdo, e assim, chegando ao máximo de sua realização estética e literária. Para tanto, calca-se nos estudos de Theodor Adorno; e, ainda, nos trabalhos de Michel Foucault. Tais referências esclarecerão a relação entre o poder e o controle capitalistas a que o narrador é primeiramente subjugado e, posteriormente, se torna dominador. Por fim, pretende-se explicar o processo de humanização do narrador que se liberta de um sistema onde vigoram o poder e a opressão.

PALAVRAS-CHAVE: Romance, Graciliano Ramos, Opressão, Poder, Libertação

ABSTRACT: Graciliano Ramos' *São Bernardo* (1934), deals with the social and political issues through the capitalist and domineering vision of Paulo Honório, a man in his fifty which, after the death of his wife and the collapse of his property, decides to write his story. The narrator talks about his childhood and youth lived in poverty, having been exploited and cheated; he also talks about his adult life, when, he conquers capital and the farm São Bernardo by using the instruments of oppression, violence and power of which had been victim. Then, the aim of this work is to show the fictional devices used in this work to address the subject of spoliation and reification of the capitalist system, integrating form and content, and so, coming to a maximum of their aesthetic and literary achievement. To this end, it was based on Theodor Adorno's studies; on the work of Michel Foucault, which will clarify the relationship between the capitalist power and control to which the narrator is first subdued and then becomes dominant. Finally, it is intended to explain the process of humanization of the narrator who breaks free from a system dominated by power and oppression.

KEYWORDS: Romance, Graciliano Ramos, Oppression, Power, Liberation

INTRODUÇÃO

O romance *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, é produção marcante da literatura de 1930, período em que a produção literária, segundo Antonio Candido, apresenta uma visão de país subdesenvolvido, expondo a grandeza ainda não realizada, a atrofia, as moléstias e explorações sociais, ao invés da pujança cultural.¹ Esse aspecto que destaca o subdesenvolvimento poderá ser observado dentre um dos múltiplos aspectos da obra *São Bernardo* por meio da crítica a estrutura política social observada na relação entre o personagem Paulo Honório e o sistema e estrutura capitalistas. Este romance se relaciona à temática social e política, por meio da visão capitalista e dominadora de Paulo Honório, um homem de cinquenta anos, proprietário de uma fazenda em Viçosa, no estado de Alagoas. Após a morte da esposa e a derrocada de sua propriedade, acontecimentos esses posteriores à revolução de 1930, Paulo Honório decide escrever sua história. Ele conta que iniciou a vida pobre, guiando cegos e vendendo doces e, sendo órfão, foi criado por uma velha chamada Margarida.

Durante sua juventude, Paulo Honório foi muito explorado trabalhando “no cabo da enxada”, e foi ainda, por várias vezes fora enganado em suas transações, como ao vender gado ao Dr. Sampaio, situação em que, devido ao risco de não receber seu pagamento, teve de tratar o fazendeiro por meio da violência, ameaçando-o: “– [...] O que há é que o

senhor vai espichar aqui trinta contos e mais os juros de seis meses. Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho.”² O narrador ainda foi ludibriado por Dr. Pereira de quem pegou dinheiro emprestado e este lhe cobrou juros abusivos: “Paguei os cem mil-réis e obtive duzentos com o juro reduzido para três e meio por cento. Daí não baixou mais, e estudei aritmética para não ser roubado além da conveniência. [...] esperneeii nas unhas do Pereira, que me levou músculo e nervo, aquele malvado.”³ O protagonista conta sobre sua desilusão amorosa com Germana, que lhe trocou por João Fagundes. Essa decepção leva Paulo Honório a assassinar o rival da competição amorosa, resultando em sua prisão.

O resultado foi eu arrumar uns cocorotes na Germana e esfaquear João Fagundes. Então o delegado de polícia me prendeu, levei uma surra de cipó de boi, tomei cabacinho e estive de molho, pubo, três anos, nove meses e quinze dias na cadeia, onde aprendi leitura com o Joaquim sapateiro, que tinha uma Bíblia miúda, dos protestantes. Joaquim sapateiro morreu. Germana arruinou. Quando me soltaram, ela estava na vida, de porta aberta, com doença do mundo. Nesse tempo eu não pensava mais nela, pensava em ganhar dinheiro.⁴

É a partir da prisão que nota-se uma mudança de visão do jovem. Paulo Honório que, antes era oprimido e enganado, agora passa a correr atrás do capital fazendo negócios de

2. RAMOS. *São Bernardo*, p. 16.

3. RAMOS. *São Bernardo*, p. 17.

4. RAMOS. *São Bernardo*, p. 16-17.

1. CANDIDO. *A educação pela noite*, p. 169.

armas engatilhadas e acertando dívidas pela lei da violência, até tornar-se trabalhador na fazenda São Bernardo. Após a morte do proprietário, o protagonista vê na imaturidade do único herdeiro, Padilha, e em seu vício pelo jogo, a chance de conquistar a fazenda. Padilha, arruaceiro e esbanjador, faz várias dívidas com Paulo Honório que, ao vencimento da última promissória, cobra o herdeiro. Padilha se vê, então, obrigado a lhe vender a fazenda.

A partir daí, com muito trabalho, e com a ajuda de Casimiro Lopes, Paulo Honório reconstrói a fazenda. O protagonista administra a propriedade passando por cima de tudo e de todos para desenvolvê-la e faz isso por meio das mesmas leis de violência e força das quais fora vítima na juventude. Assim, ele acaba por se tornar um grande possuidor de terras e produtor rural. Ao ver sua vida econômica equilibrada, Paulo Honório decide se casar com o objetivo de providenciar um herdeiro para suas terras. Seu casamento e sua relação com Madalena, professora em uma escola, avulta o caráter dominador e desumanizado do personagem. Após o suicídio da esposa, o abandono dos amigos e a derrocada de seus negócios, o narrador parece humanizar-se, libertando-se de um sistema social e capitalista, de opressão e poder, ao qual fora sujeitado e, posteriormente, sujeitava outros. E, assim, alcança ao final de sua narrativa, um momento de lucidez e autocrítica.

A NARRAÇÃO DOS ASPECTOS “CAPITAIS” DA VIDA DE PAULO HONÓRIO

João Luiz Lafetá (1985) propõe que uma das consequências de produção do mercado, característica do capitalismo, é o afastamento e a abstração de toda a qualidade sensível das coisas, que é substituída na mente humana pela noção de quantidade. Neste sistema o valor-de-uso que toda mercadoria possui é distanciado e tornado implícito pela produção de valores de troca. Este fenômeno, chamado “fetichismo da mercadoria”, origina uma reificação global da relação entre os homens. Nela todo valor é transformado em valor-de-troca, e assim toda relação humana também será transformada, de maneira destruidora, numa relação entre coisas, entre possuído e possuidor. Para o crítico é essa a relação estabelecida entre Paulo Honório e o mundo:

Seu desenvolvido sentimento de propriedade leva-o a considerar todos que o cercam como coisas que se manipula à vontade e se possui. Luís Padilha transforma-se em suas mãos num objeto. Marciano e Rosa, Seu Ribeiro, D. Gloria, Casimiro Lopes – Todos são coisas que servem aos seus desígnios. Mestre Caetano, entrevado no leito, deixa de merecer sua consideração: “Necessitava, é claro, mas se eu fosse sustentar os necessitados, arrasava-me.” Os despossuídos, os cabras que trabalhavam no eito de sua fazenda, são considerados apenas do ponto de vista da quantidade de trabalho que podem oferecer.⁵

5. LAFETÁ. “O mundo a revelia”. Posfácio, p. 204-205.

Acerca das relações estabelecidas pelo protagonista, Lafetá comenta, ainda, que a reificação é um fenômeno primeiramente econômico: os bens deixam de ser encarados como valores de uso e passam a ser vistos como valores-de-troca e, portanto, como mercadorias. “Assim, as características do modo de produção infiltram-se na consciência que o homem tem do mundo, condicionando-lhe o modo de ver e compondo-lhe, portanto, a personalidade.”⁶ Este processo resulta na reificação que abrange então toda a existência, e deixa de ser apenas uma componente das forças econômicas, penetrando na vida privada dos indivíduos. Este aspecto será observado na conclusão de Paulo Honório sobre o seu modo de vida escolhido, influenciado pelo sistema econômico, que o torna um ser desumanizado: “A profissão é que me deu qualidades tão ruins. E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda parte! A desconfiança é também consequência desta profissão. Foi este modo de vida que me inutilizou.”⁷

O crítico Abel Barros Baptista destaca que a obra mostra o fracasso do projeto capitalista de Paulo Honório, pois, em acordo com a visão de Lafetá, o romance começa quando a vida do fazendeiro termina. Para Baptista, o livro narrado por Paulo Honório está orientado com a finalidade de uma autocrítica, por isso a obra constitui um último acontecimento na vida do protagonista, sendo esta obra “a única possibilidade de sobreviver ao desastre: [...] porque a consequência

radical da autocrítica é reduzir Paulo Honório a fantasma de si mesmo, condenado a sobreviver ao fim da própria vida.”⁸.

A hipótese deste trabalho é que o início do livro marca, não o fim da vida de Paulo Honório, mas o fim de seu projeto: “O meu fito na vida foi apossar-me das terras de São Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona, levantar a serraria e o descaroador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho bovino regular.”⁹. O que a escrita da obra marca como finalizada é a participação do protagonista no sistema de poder e nos sistemas controlador e produtor capitalistas, aos quais fora o oprimido; e, após seu percurso de pobreza, trabalho duro, enganações e prisão, passa a atuar como opressor. É preciso destacar que Paulo Honório terá a possibilidade de aprimorar os mecanismos capitalistas e reconstruir todo seu projeto, porém o mesmo não acontece com a personagem Madalena.

A obra é iniciada com a demonstração clara da visão administrativa e capitalista do narrador Paulo Honório, em que ele conta sobre o projeto de escrita do livro:

Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho. Dirigi-me a alguns amigos, e quase todos consentiram de boa vontade em contribuir para o desenvolvimento das letras nacionais. Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a orto-

6. LAFETÁ. “O mundo a revelia”. Posfácio, p. 206.

7. RAMOS. *São Bernardo*, p. 221.

8. BAPTISTA. *O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira*, p. 124.

9. RAMOS. *São Bernardo*, p. 12.

grafia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do Cruzeiro. Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria o meu nome na capa.¹⁰

10. RAMOS. *São Bernardo*, p. 7.

A divisão de trabalho é um aspecto constituinte do modo de produção capitalista, conforme já bem explicitado por Lafetá. Ao optar por demarcar e explicitar essa divisão, o protagonista mostra que, na obra, a temática da dominação e organização de acordo com tal sistema não será apenas referente ao conteúdo, mas denomina também a forma da narrativa. Influenciado pelo modo de organização capitalista, Paulo Honório decide escrever o livro: “Abandonei a empresa, mas um dia destes ouvi novo pio de coruja e iniciei a composição de repente, valendo-me dos meus próprios recursos e sem indagar se isto me traz qualquer vantagem, direta ou indireta.”¹¹ Também a linguagem utilizada pelo narrador-protagonista, demonstrará uma visão comercial: a escrita do livro, assim como o pedido de casamento a Madalena, são vistas como negociação, realizada de forma sistemática e maquinal:

- O seu oferecimento é vantajoso para mim, Seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso. Mas é preciso refletir. De qualquer maneira, estou agradecida ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como Jó, entende?

11. RAMOS. *São Bernardo*, p. 12.

- Não fale assim, menina. E a instrução, a sua pessoa, isso não vale nada? Quer que lhe diga? Se chegarmos a acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu. [...]

- Um ano? Negócio com prazo de ano não presta. Que é que falta? Um vestido branco faz-se em vinte e quatro horas.¹²

12. RAMOS. *São Bernardo*, p. 106.

Podemos perceber que, no texto de Paulo Honório, tanto a dinâmica da conversa, que mostra o casamento como uma negociação a ser realizada, como a linguagem usada na descrição dos acontecimentos, traduzem a influência da temática econômica na narrativa. Dessa forma, termos como ‘vantajosos’, ‘acordo’, ‘negócio com prazo’, aportam um caráter de transação financeira às atividades sociais do narrador. Acerca de tais aspectos, Abel Barros Baptista comenta que “a ‘divisão do trabalho’ é uma figura do domínio de Paulo Honório, e a rede de relações que institui é definida, desde o início pelo predomínio de uma relação de propriedade que vamos encontrar na fazenda S. Bernardo.”¹³ Assim, esta divisão do trabalho acarreta, por um lado, a especialização da mão-de-obra, tornando-a eficiente e, por outro, provoca a alienação do ser humano; isto é, sua coisificação. Nessa divisão o ser humano perde o status de “humano” e adquire status de “coisa” (mercadoria), pois perde a dimensão do todo, perde a consciência de si mesmo no sistema de produção.

Outro traço que parece traduzir a influência do modo dominador e prático de ver o mundo é a maneira objetiva com

13. BAPTISTA. *O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira*, p. 134.

que o narrador se apresenta na obra. Paulo Honório não perde tempo destacando aspectos de sua personalidade. Antes, ele expõe diretamente sua descrição física e uma apreciação das vantagens que esta lhe dá, numa referência que chega ao extremo da objetividade:

Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinquenta anos pelo São Pedro. A idade, o peso, as sobranças cerradas e grisalhas, este rosto vermelho e cabeludo, têm-me rendido muita consideração. Quando me faltavam estas qualidades, a consideração era menor.¹⁴

14. RAMOS. *São Bernardo*, p. 15.

Um aspecto relevante do protagonista é sua natureza dominadora, demonstrada ao tentar conquistar e desenvolver a fazenda São Bernardo, resultado que busca a qualquer preço. Aos poucos ele empresta uma grande quantidade de dinheiro e oferece várias promissórias à Padilha, que, sem recursos, acaba por ter de vender-lhe a fazenda. Após comprar a propriedade, o protagonista trabalha exaustivamente com Casimiro Lopes e começa a invadir o terreno de outros vizinhos. Essa atitude desonesta lhe renderá disputas com Mendonça, de quem o protagonista parece livrar-se por meio de um crime:

Domingo à tarde, de volta da eleição, Mendonça recebeu um tiro na costela mindinha e bateu as botas ali mesmo na estrada,

perto de Bom Sucesso. [...] Na hora do crime eu estava na cidade, conversando com o vigário a respeito da igreja que pretendia levantar em São Bernardo. Para o futuro, se os negócios corresse bem. [...] - Que horror! exclamou Padre Silvestre quando chegou à notícia. Ele tinha inimigos? [...] - Se tinha! Ora se tinha! Inimigo como carrapato. Vamos ao resto, Padre Silvestre. Quanto custa um sino?¹⁵

15. RAMOS. *São Bernardo*, p. 41.

Após a morte do pai, as filhas de Mendonça se mostram indefesas quanto a questões financeiras e políticas. Paulo Honório parece aproveitar-se dessa situação e continua invadindo as terras do vizinho falecido. “Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, parálitico de um braço, e a dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando direito. Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.”¹⁶ Ao continuar invadindo terras alheias, o fazendeiro sofreu emboscadas e ameaças, mas nada disso o deteve.

16. RAMOS. *São Bernardo*, p. 49.

Ao equilibrar os lucros da fazenda, Paulo Honório demonstra não ter qualquer consideração por seus empregados, chegando a bater em Marciano por causa do serviço que o rapaz deixara de fazer. Madalena critica a postura do marido, mas de nada adianta, porque Paulo Honório também a trata de maneira fria e grosseira. Por exemplo, quando ele censura a esposa por causa das doações de vestidos que ela

faz à Rosa, mulher de Marciano, e à Dona Margarida; bem como, por causa das doações de remédios e brinquedos que Madalena faz às famílias pobres e às crianças da fazenda. Em outra ocasião, o narrador decide construir uma escola somente para agradar o governador e conseguir alguns favores deste. Ao contratar Padilha como professor irá maltratá-lo, chegando a humilhá-lo quando sente ciúmes do mesmo com Madalena.

UMA ESTÉTICA DO CAPITALISMO

Antonio Candido eleva as obras de Graciliano Ramos em relação às outras produções literárias dos anos 1930, porque elas demonstravam a “consciência clara do problema essencial na elaboração literária”¹⁷ diferenciando-se de certas obras que seguiam planos (intuito, convicções) e terminavam por tornar-se a ilustração de uma tese. Para o crítico, poucos foram os autores, como Graciliano Ramos e Dionélio Machado, que lograram unir a temática das mazelas sociais à elaboração estética, unindo a “formulação crítica adequada à realização correta”.¹⁸

Esse aspecto é evidente em *São Bernardo*, obra na qual a forma e o conteúdo se unem por meio da narração de um protagonista que internaliza as regras e relações capitalistas expressas a partir de seu ponto de vista. Esse protagonista ainda exterioriza esse ponto de vista na sua maneira de estruturar a obra, de organizar as ações e de narrar os fatos,

ao utilizar-se de uma linguagem extremamente objetiva e de vocábulos que remetem a negociações e transações financeiras. Tal artifício ficcional da obra *São Bernardo* revela o máximo de realização estética efetuado em sua construção.

Essa elaboração literária em que forma e conteúdo se completam e integram, é a mesma proposta por Theodor W. Adorno, em sua *Teoria estética* (1982), e em seus trabalhos sobre a indústria cultural e estética artística, em que filósofo e pensador do século XX, propõe que a arte contemporânea deve recuperar sua capacidade de autorreflexão.¹⁹ Em seus comentários, Adorno parece compreender a união de forma e conteúdo como uma característica da arte reflexiva, em que a forma estética deverá ser o conteúdo sedimentado. Ou seja, forma e conteúdo não poderão ser dois elementos totalmente distintos em uma obra, eles deverão completar-se para que a obra de arte atinja o máximo de sua expressão.

Theodor W. Adorno propõe que a obra de arte ‘ideal’ seria aquela em que “O espírito das obras de arte adere à sua forma, mas só é espírito enquanto aponta para lá dela. A ausência de qualquer diferença entre a articulação e o articulado, a forma imanente e o conteúdo, é fascinante, sobretudo a apologia da arte moderna.”²⁰ Entende-se aqui como o espírito da obra a sua expressão, que atingirá seu grau máximo na junção entre forma e conteúdo. Para o filósofo, “A forma procura fazer falar o pormenor a partir do todo.”²¹

19. SELIGMANN-SILVA. *Folha explica* – Adorno, p. 38.

20. ADORNO. *Teoria estética*, p. 107.

21. ADORNO. *Teoria estética*, p. 166.

17. CANDIDO. *A educação pela noite*, p. 238.

18. CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 238.

Em *São Bernardo*, essa união entre temática capitalista dominadora e linguagem; entre estrutura e organização, foi realizada por meio de uma combinação perceptível, porém implícita. Ela foi feita de forma que o narrador, em momento algum, intitule-se capitalista ou mesmo se coloque a favor deste sistema econômico. O modo de se expressar e o modo de se relacionar demonstram, por si mesmos, sua adesão a esse sistema e, ainda, revelam a postura dominadora de Paulo Honório. As relações de propriedade, dinâmica de produção, valor de mercado e lucro, poderão ser vistas na referência à vinda de Dona Margarida para fazenda. O evento é descrito como se a senhora que cuidara do fazendeiro na infância, fosse um produto a ser remetido:

- Ó Gondim, já que tomou a empreitada, peça ao vigário que escreva ao Padre Soares sobre a remessa da negra. Acho que acompanho vocês, vou falar a Padre Silvestre. É conveniente que a mulher seja remetida com cuidado, para não se estragar na viagem. E quando ela chegar pode encomendar as miçangas, Gondim. Como se chamam?

- Clichês. Clichês e vinhetas.

- Pois sim. Mande buscar os clichês e as vinhetas, quando tivermos a velha.²²

Destaca-se que as relações interpessoais entre Paulo Honório e Dona Margarida são justamente onde temos mais

fortemente expressa a visão sistematizada do narrador, que vê a mulher como uma “mercadoria a ser remetida”.

Essa mesma visão de Paulo Honório será observada em sua relação com Madalena desde o início da obra, não somente no pedido de casamento feito a professora, mas ainda, quando ele a conhece, é possível perceber que o matrimônio, e a aproximação entre ele e a moça, são vistos como uma espécie de negócio. Há um certo destaque para as vantagens que o relacionamento trará ao protagonista:

Naquele momento, porém, como já disse, conservavam-se todos em silêncio. Dona Marcela sorria para a senhora nova e loura [Madalena], que sorria também, mostrando os dentinhos brancos. Comparei as duas, e a importância da minha visita teve uma redução de cinquenta por cento.²³

É a partir da linguagem fundamentada no cálculo de lucros e vantagens, e da forma com que o narrador apresenta os fatos, traduzindo sua visão de mundo, que observamos a importância da forma para a obra. A forma, segundo Adorno “é a coerência dos artefatos – por mais antagonista e quebrada que seja – mediante a qual toda obra bem sucedida se separa do simples ente.”²⁴ É a coerência entre a temática capitalista que mostra a exploração de Paulo Honório na juventude pobre, e na atitude que ele assume perante a busca do capital:

22. RAMOS. *São Bernardo*, p. 57.

23. RAMOS. *São Bernardo*, p. 74.

24. ADORNO. *Teoria estética*, p. 163.

a realização dos negócios, a conquista de São Bernardo e as relações com os empregados, amigos e Madalena. Tudo isso acaba por reiterar a forma do romance intimamente relacionada ao seu conteúdo.

De acordo com Adorno, a realização estética da obra é responsável pelo imbricamento de forma e conteúdo para sua maior realização. A teoria de Adorno propõe que só se pode compreender essa relação se for considerado que na obra de arte “a sua dinâmica própria, sua historicidade imanente enquanto dialética da natureza e do domínio da natureza não é da mesma essência que a dialética exterior, mas se lhe assemelha em si, sem a imitar.”²⁵. Essa relação entre elementos exteriores e interiores na obra de arte somente poderá existir de forma adequada por meio de uma elaboração estética que mantenha a unidade e autonomia da obra. Assim, o elemento exterior manterá uma relação com a obra de arte, mas essa de maneira alguma será sua imitação, pois “A referência social não deve levar para fora da arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela.”²⁶.

É a elaboração estética que consegue equilibrar elementos interiores e exteriores que leva a obra de arte à autonomia, à criação de um mundo particular e único naquela obra em questão. Tal forma de construção artística conduzirá à qualidade da fatura estética da obra, como bem destaca o crítico Leopold Waizbort:

A autonomia da obra [...] possibilita a apreensão imediata de um nexos, de um entrelaçamento de aspectos, vistos como estrutura e processo; tal apreensão imediata e tributária da qualidade da fatura artística. O resultado, a obra propriamente dita é ‘um mundo novo’, ‘outro mundo’, absolutamente próprio a obra literária e que não se reduz ou confunde com a realidade primeira, do mundo em que vivemos, da ‘realidade cotidiana’.²⁷

A qualidade da fatura artística será atingida em *São Bernardo* por meio da relação estabelecida entre a temática capitalista da espoliação e reificação dos indivíduos e a elaboração estética. A obra será narrada por um fazendeiro que apresenta essa visão reificada, e também reificadora, de mundo. A relação desse fazendeiro com os outros indivíduos e com o seu projeto de vida, se confunde com o projeto de dominação do capital e do outro. É por isso que, nesse romance, de acordo com Antonio Candido, predomina o problema do personagem, sendo este seu artifício de elaboração estética, sobretudo nesta obra de Graciliano Ramos:

A humanidade singular dos protagonistas domina os fatores do enredo: meio social, paisagem, problema político. Mas, ao mesmo tempo, tal limitação determina o importantíssimo caráter de movimento dessa fase do romance, que aparece como instrumento de pesquisa humana e social, no centro de um dos maiores sopros de radicalismo da nossa história.²⁸

27. WAIZBORT. *A passagem do três ao um*, p. 242.

28. CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 131.

25. ADORNO. *Teoria estética*, p. 16.

26. ADORNO. *Teoria estética*, p. 66.

A humanidade singular do protagonista será observada até mesmo quando as temáticas do marxismo e do comunismo são tratadas na obra, pois é possível observar que não ocorre nenhuma espécie de discurso político ou partidário por parte do narrador-protagonista. Após um longo diálogo entre o vigário, Godim, Padilha, Madalena e João Nogueira sobre a revolução de 1930, Paulo Honório comenta este tema, mas nota-se que esse assunto é apresentado por meio de seu drama pessoal.

Materialista. Lembrei-me de ter ouvido Costa Brito falar em materialismo histórico. Que significava materialismo histórico? A verdade é que não me preocupo muito com o outro mundo. [...] Tenho, portanto um pouco de religião, embora julgue que, em parte, ela é dispensável num homem. Mas mulher sem religião é horrível. Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. [...] Procurei Madalena e avistei-a derretendo-se e sorrindo para o Nogueira, num vão de janela. Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa bem-feita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobrancelhas espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena e comecei a sentir ciúmes.²⁹

O que importa aqui não é o aspecto político e social da discussão, isto é, os elementos advindos da realidade da época.

O que importa são os sentimentos do personagem principal, o ciúme que Paulo Honório sente de Madalena. Ou seja, ainda mais importante que os aspectos políticos e sociais é a forma com que o personagem lida com esses eventos de sua vida pessoal e com seus sentimentos. Assim, nota-se que as obras de Graciliano Ramos, apesar de demonstrarem o chamado “o espírito dos anos 30”³⁰, ou seja, um interesse por temas sociais e políticos, são obras que apresentam o enfoque no problema humano de suas personagens como forte aspecto de sua elaboração estética. O drama humano vivido por Paulo Honório, quando, ao final da narrativa, ele lamenta ter estragado sua vida e ter agido mal com Madalena, possivelmente poderá ser explicado por esta temática político-econômica que permeia toda a história:

- Estraguei a minha vida estupidamente. - Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos [...] Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins. E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte!³¹

Na verdade, o egoísmo e a brutalidade demonstrados por Paulo Honório, e inerentes à sua forma de lidar com os outros e com Madalena, poderão ser vistos como um produto de toda a opressão e humilhações sofridas por ele ao longo

29. RAMOS. *São Bernardo*, p. 155.

30. CANDIDO. *A educação pela noite*, p. 237.

31. RAMOS. *São Bernardo*, p. 221.

de sua infância e juventude. De acordo com Rui Mourão, o protagonista: “Perdendo e ganhando, realizando transações a mão armada, fugindo sem cessar para se proteger, acabou por formar uma noção conflituosa do espetáculo humano. A vida não passava de disputa contínua em que o mais forte sempre levava a melhor.”³²

AS DUAS FACES DA DOMINAÇÃO E DO PODER

Entende-se que o comportamento dominador de Paulo Honório, em que este passa por cima de tudo e de todos para reerguer São Bernardo e para mantê-la, é, na verdade, fruto da compreensão que o narrador-protagonista terá da vida e do sistema social desde a infância, de um mundo dividido entre opressores e oprimidos. O menino órfão será criado por uma estranha, Dona Margarida: “Se tentasse contar-lhes a minha meninice, precisava mentir. Julgo que rolei por aí à toa. Lembro-me de um cego que me puxava às orelhas e da velha Margarida, que vendia doces.”³³ Na juventude, é explorado: “Até os dezoito anos gastei muita enxada ganhando cinco tostões por doze horas de serviço.”³⁴ E quando se interessou por alguém, Germana, a moça “botou os quartos de banda e enxeriu-se com o João Fagundes, um que mudou o nome para furtar cavalos. O resultado foi eu arrumar uns cocorotes na Germana e esfaquear João Fagundes.”³⁵ O jeito bruto, fruto da criação e de suas vivências, leva-o a cometer o assassinato do rival, motivo pelo qual será preso

por alguns anos. Aos sair da prisão, lugar onde sofreu ainda mais com o tratamento violento, parece decidido a correr atrás do capital. É quando chega a pegar dinheiro emprestado com Dr. Pereira, que o engana e lhe cobra juros abusivos. Seguindo sua busca pelo sucesso financeiro, é enganado por Dr. Sampaio que lhe compra uma boiada e não quer pagar:

A princípio o capital se desviava de mim, e persegui-o sem descanso, viajando pelo sertão, negociando com redes, gado, imagens, rosários, miudezas, ganhando aqui, perdendo ali, marchando no fiado, assinando letras, realizando operações embrulhadíssimas. Sofri sede e fome, dormi na areia dos rios secos, briguei com gente que fala aos berros e efetuei transações comerciais de armas engatilhadas. Está [ai] um exemplo. O Dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora da onça beber água deu-me com o cotovelo, ficou palitando os dentes. Andei, virei, mexi, procurei empenhos e ele duro como beira de sino. Chorei as minhas desgraças: tinha obrigações em penca, aquilo não era trato, e tal, enfim, etc. O safado do velhaco, turuna, homem de facão grande no município dele, passou-me um esbregue.³⁶

É principalmente com Dr. Sampaio que Paulo Honório aprende e pratica a regra da força e da violência, pois o protagonista decide por sequestrar o homem e ameaçá-lo para que este lhe pague a dívida. Após receber o dinheiro, Paulo Honório declara: “Não tornei a aparecer por aquelas bandas. Se tornasse,

32. MOURÃO. *Estruturas: Ensaio sobre o romance de Graciliano*, p. 70.

33. RAMOS. *São Bernardo*, p. 16.

34. RAMOS. *São Bernardo*, p. 17.

35. RAMOS. *São Bernardo*, p. 16.

36. RAMOS. *São Bernardo*, p. 17.

37. RAMOS. *São Bernardo*, p. 16-18.

era um tiro de pé de pau na certa, a cara esfolada para não ser reconhecido quando me encontrassem com os dentes de fora, fazendo munganga ao sol, e a supressão da minha fortuna.”³⁷.

38. RAMOS. *São Bernardo*, p. 48.

Paulo Honório aprende a sobreviver em um mundo violento, onde sempre vence o mais forte: “Ninguém imaginará que, topando os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me deter, caminhos certos. Não senhor, não procedi nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas.”³⁸. O que parece é que o protagonista mal teve tempo de pensar se os atos que praticava eram certos ou errados. Na verdade ele só pensava em lutar para vencer e deixar de ser oprimido. Segundo Assis Brasil, comparando o fazendeiro de *São Bernardo* com o jornalista João Valério de *Caetés* (1933), o protagonista será moldado pelo sistema social em que vive:

O ‘processo’ biográfico de Paulo Honório é a própria denúncia de um estado de coisas, incompatíveis com a justiça e com a dimensão humana mais elevada. Ele é forte como o sistema social que o moldou. Ele se adaptou e o imita. Ao contrário de João Valério, um ‘fraco’, vítima também do sistema, mas de um ponto de vista inverso.³⁹

39. BRASIL. *Graciliano Ramos: Ensaios*, p. 57-58.

Isso significa que Paulo Honório é, na verdade, vítima de um sistema de oprimidos e opressores. É produto de uma

sociedade controlada pelo poder do mais forte (o dominador) e pelas regras de lucro e violência, mecanismos invisíveis de controle social, que definem quem manda e quem obedece.

Assim, depreende-se que Paulo Honório fora submetido durante toda a sua infância e juventude a uma espécie de poder opressivo que o levou a querer tornar-se um dominador, isto é, detentor de tal poder. É possível relacionarmos este sistema em que o personagem-narrador está inserido aos estudos acerca desta temática propostos pelo filósofo Michel Foucault. Este teórico ao estudar os métodos europeus de disciplina escolar, originados nos séculos XVII e XVIII, cita “um sonho militar de sociedade”, em que predominariam “[...] as engrenagens cuidadosamente subordinadas de uma máquina, não ao contrato primitivo, mas as coerções permanentes, não aos direitos fundamentais, mas aos treinamentos indefinidamente progressivos [...]”⁴⁰

A *disciplina* seria uma das formas de controle utilizadas no século XVIII para atingir o sonho de militar de sociedade, ou seja, de produzir uma sociedade totalmente controlada. Ela seria formada como uma rede invisível de controle e vigilância dos sujeitos. Um exemplo de origem dessas formas de controle, citado por Foucault, seria o Panóptico, de Bentham, uma figura arquitetural em que:

esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma

40. FOUCAULT. *Vigiar e punir: História da violência nas prisões*, p. 151.

atravessando toda a espessura da construção. [...] Basta então colocar um vigia na torre central e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado [...] ⁴¹

41. FOUCAULT. *Vigiar e punir*: História da violência nas prisões, p. 177.

O mecanismo do panóptico permite vigiar e reconhecer imediatamente qualquer comportamento considerado anormal ou indesejável. A luz torna o corpo do condenado totalmente visível ao vigia da torre. Essa realidade faz com que o sujeito se reprima de atos ilegais ou indesejáveis por saber de sua condição incessante de vigiado. Portanto, o efeito mais importante do panóptico seria “induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder.”⁴² O objetivo desse mecanismo é fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, ainda que seja descontínua em sua ação: “a perfeição do poder (...) [tende] a tornar inútil a atualidade de seu exercício; esse aparelho arquitetural (...) [é] uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce” ⁴³.

42. FOUCAULT. *Vigiar e punir*: História da violência nas prisões, p. 178.

43. FOUCAULT. *Vigiar e punir*: História da violência nas prisões, p. 178.

A estrutura do panóptico é a demonstração concreta de um controle e poder invisíveis usados em presídios e manicômios e, transformado, sobreviveu e se difundiu na sociedade atual. Assim, o sistema capitalista que divide os homens em oprimidos e opressores, em dominados e dominadores, poderá ser entendido como um sistema em que sobrevivem as redes, ou malhas, de poder invisível, pois, segundo Foucault:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. [...] O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. ⁴⁴

44. FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 183.

Desta forma, Paulo Honório, ao sofrer com a miséria na infância e ao ser explorado e dominado na juventude é rebaixado pelo sistema capitalista, tornando-se assim controlado pelo poder vigente desse sistema. Posteriormente, ao perseguir o capital por meio da violência, ludibriando o próximo, ou pela invasão de terras e da exploração dos trabalhadores da fazenda, o personagem torna-se um controlador. Forma-se detentor do poder vigente dentro do sistema social capitalista no qual se encontra inserido e participa. Dessa forma, observa-se o drama vivido por Paulo Honório e sua complexidade psicológica dentro um uma história individual em relação ao meio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da obra, na explosão de seu drama, Paulo Honório compreende ter estragado sua vida por funcionar como um instrumento, ou como uma ferramenta desse modo de organização social. O protagonista parece enxergar o peso de sua trajetória sobre as ações que fizeram com que ele se tornasse um dominador:

45. RAMOS. *São Bernardo*, p. 117.

Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste. [...] Emoções indefiníveis me agitam inquietação terrível, desejo doido de voltar, tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todos os dias, a esta hora. Saudade? Não, não é isto: é desespero, raiva, um peso enorme no coração.⁴⁵

Paulo Honório afirma que a vida agreste o fez agreste. Entende-se que os sofrimentos e explorações sofridos na juventude, também culminariam na formação de um opressor/dominador que só pensava em realizar e manter seu “fito na vida”. Mas, ao final da narrativa, alguns sentimentos desestabilizam o narrador e fazem com que ele reconheça que agiu mal com Madalena. É o caminho que culmina em sua humanização. O fazendeiro toma consciência de si. Neste processo, Paulo Honório deixa de ser somente o opressor e o instrumento de poder dentro do sistema a que se encaixava, e passa a perceber a si mesmo em sua condição humana. A partir daí, o protagonista, segundo Rui Mourão:

Nascera outra vez, agora edificando a sua vida sobre valores morais e espirituais. Começa a existir humanamente e sente, em toda a extensão, o dramático que se encerra nesse fato simples – existir humanamente – com plena consciência das suas limitações e das suas grandezas.⁴⁶

46. MOURÃO. *Estruturas*: Ensaio sobre o romance de Graciliano, p. 85.

O que se compreende da colocação de Rui Mourão e dos sentimentos que tomam conta de Paulo Honório ao final de sua narrativa é que este consegue livrar-se de um sistema de oprimidos e opressores, de um mundo de “máquinas e homens que funcionam como as máquinas.”⁴⁷ Na verdade, Paulo Honório se liberta de um sistema onde vigoram o controle, o poder e a opressão, para enxergar a dimensão de seus sentimentos, dores e limitações em mundo humanizado.

47. RAMOS. *São Bernardo*, p. 137.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Teoria estética**. Lisboa: Edições 70, Arte e comunicação, 1982.

BRASIL, Assis. **Graciliano Ramos**: Ensaio. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1969.

BAPTISTA, Abel Barros. **O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira**. Campinas: UNICAMP, 2005.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. **Literatura e sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA, 1986.

_____. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

LAFETÁ, João Luiz. "O mundo a revelia". Posfácio. In: Ramos, Graciliano. **São Bernardo**. 45ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1985.

MOURÃO, Rui. **Estruturas: Ensaio sobre o romance de Graciliano**. 3ª Ed. Curitiba: Editora UFPR, 2003.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Caetés**. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1933.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Folha explica – Adorno**. São Paulo: Publifolha, 2003.

WAIZBORT, Leopold. **A passagem do três ao um**. São Paulo: CosacNaify, 2007.